

O marxismo, julgado pela ignorância da "Voz"!

O sr. Fernando de Sousa Nemo, double de director da Voz de advogado da infiltração dos capitais espanhóis na linha da Beira Alta, meteu-se ontem a dissertar sobre marxismo—assunto de que percebe tanto como nós percebemos de lagares de azeite...

Porisso, ele preenche quasi todo o artigo com a descreção dum mirabolante instituto anti-marxista fundado em Paris, e que tem a função de deter o progresso das ideias modernas por meio dumas pseudo-críticas ao marxismo, com um recheio de ingenuidades, de patranhas capazes de arrepiar os cabelos dos mais ingenuos e de fazer estoirar de riso os mais sisudos.

Nemo assegura que as lições do Instituto Anti-Marxista são gratuitas. Mas, como não gosta de forçar os leitores a acreditar nas suas afirmações, resolveu-se a comprová-las com factos—com factos que nos esclarecem que as lições do Instituto, apesar de gratuitas, custam:

- 50 francos aos assinantes;
- 100 " " aderentes;
- 500 " " sociários.

E ainda de acôrdo com esse principio da gratuitidade das lições, inventaram os "desinteressados" proprietários do Instituto a contribuição de 5.000 francos, por uma só vez, ou seja a insignificancia—a bagatela das bagatelas—de três contos e quinhentos da nossa moeda.

Como vêem, o sr. Fernando de Sousa não faltou à verdade: as lições do Instituto não podem ser nem mais gratuitas, nem mais baratas...

O sr. Fernando de Sousa resolveu suprir a sua ignorância sobre marxismo reproduzindo as lições do Instituto e vendendo-as aos leitores pelo preço de 30 centavos; nesta importância está incluído o restante noticiário do jornal e o rol das igrejas que hoje dão missa, ao meio dia. Combater o futuro, lutar contra o progresso—só por derramar sobre o marxismo uma camada densa de mentiras e de sofismas sobre outra camada não menos densa de insinuações e calúnias—equivale a admitir a hipótese de que o progresso tende para o marxismo e de que o futuro constituirá a mais triunfal das apoteoses àquela doutrina política. E admitir essa hipótese constitui um erro tremendo e um esquecimento, de certo muito involuntário e muito inconsciente, da importância considerável que tem em todo o mundo o sindicalismo revolucionário e da influência, hoje considerável, das doutrinas marxistas.

O erro de Nemo, que é o do tal Instituto de que ele se arvorou—na bonita idade de setenta anos—discípulo e vulgarizador, é compreensível e lógico; resulta da incapacidade mental dos reaccionários em apreender qualquer movimento sem que ele possua, ainda que com diferentes fins e antagonismos objectivos, uma organização política que tenha o Estado como órgão principal.

Daí o julgarem que todo o movimento de emancipação humana provém da Rússia Soviética e suporem que a questão social ou pelos menos as características da questão social brotam inteirinhas do cérebro de Karl Marx.

Karl Marx não inventou, como julga Nemo por conta dos patetas pseudo-cultos do tal reaccionário instituto parisiense, a luta de classes: ela existia latente antes dos seus escritos. Nem tampouco a orientação das classes operárias na sua luta contra as minorias endinheiradas e privilegiadas procede do genial autor do "Capital".

O sindicalismo revolucionário, método de acção extraído de teses puramente libertárias, nada tem de comum com o marxismo, antes encontrou nele um inimigo implacável. E esse sindicalismo, que constitui uma escola de energia e de consciência para o proletariado, age fora dos métodos marxistas e tem um objectivo diferente.

O marxismo quer a sociedade organizada de cima para baixo, por meio de um Estado fortemente centralizado, dominador e tirânico; o sindicalismo revolucionário pretende que a sociedade futura seja baseada no trabalho e na liberdade. Mas isto equivale a pregar no deserto: reaccionários de setenta anos não aprendem línguas...

A OBRA DE ASSISTENCIA

Os recursos hospitalares que possuímos não podem comportar o elevado número de doentes de Lisboa e provincia

Uma proposta de um sindicato alemão de construções para a edificação de novos hospitais

Lisboa é uma das cidades de mais deficiente assistência hospitalar. Possui apenas seis hospitais, incluindo o de Santa Maria, que, como é notório, pertence à Faculdade de Medicina.

Com estes escassos recursos não é possível acudir às necessidades dos 600.000 habitantes da capital.

Mas é preciso ver que aqueles hospitais não servem apenas para a população alfacinha. A provincia, mercê da falta de recursos sanitários, manda para aqui os seus doentes.

Devido a esse facto a acumulação de doentes em Lisboa é grande, tornando-se impossível a sua hospitalização.

Depois a distribuição desses doentes é feita quasi arbitrariamente, em virtude de não haver hospitais especializados para o tratamento de várias enfermidades.

O Rêgo recolhe em duas das suas enfermarias tuberculosas (medicina e cirurgia).

O Estefania é preferido para a clínica de pediatria (doenças de crianças). O Destêro para as doenças venéreas. Arroios recolhe alguns cancerosos. E Santa Maria é o hospital escolar.

Todavia pelas enfermarias do hospital de São José estão espalhados tuberculosos, cancerosos e bastantes crianças.

Porquê? Porque não há onde metê-los. Se não se fizer assim, os desgraçados ficam sem hospitalização. Logo é preferível tudo a deixar esses proscritos da vida ao abandono.

As deficiências da assistência hospitalar e dos respectivos serviços foram apontadas à curiosidade indigena há muito tempo. Há cerca de dois anos, porém, o assunto foi vivamente tratado nos jornais.

E durante alguns dias toda a gente concordou que não havia assistência hospitalar e que era preciso fazer alguma coisa em favor dos desgraçados.

Tudo esqueceu depressa. Hoje ninguém fala nessas ninharias. E, no entanto, o número de doentes aumenta dia a dia, mercê da falta de higiene, da deficiente alimentação e da miséria que para ali vai.

Os jornais, em lugar de cuidarem destes casos, cantam aos seus leitores as belezas da enfermagem religiosa como se houvesse a esperar dela a salvação dos hospitais...

Estamos, pois, em face deste dilema: ou o Estado melhora os serviços de assistência hospitalar ou não terá hospitalização milhares de doentes.

Falta verba? O argumento não colhe. Nos últimos orçamentos, examinados em vários

artigos de A Batalha, verificou-se que para assistência pública, particularmente no que se refere aos hospitais, ia uma verba ridicula. Parece-nos que, desviando algum capital doutros lugares onde é menos necessário, se poderia aumentar a verba para os hospitais.

Al Estado compete a solução do problema. Logo do Estado se deve exigir tal solução.

Não há possibilidade de melhorar de pronto a assistência hospitalar? E' o que vamos ver.

Por informações, que reputamos absolutamente verdadeiras, sabemos que um sindicato alemão de construções fez ao governo a oferta de transformar o hospital de S. José, dotando-o de todos os recursos, e de construir um hospital para crianças, outro para tuberculosos, outro para doenças crónicas e para convalescentes, prontificando-se também a concluir o Novo Manicópio.

As condições para este trabalho seriam postas a concurso, sendo esse sindicato um dos concorrentes. Aquelle que offerecesse melhores garantias seria o preferido.

Desde já o referido sindicato se prontificava a pagar todas as despesas que dois Peritos fizessem com a sua ida à Alemanha para escolher os tipos de construções para esses hospitais.

Se fôsse o sindicato alemão o preferido no concurso, acordaria em o Estado lhe pagar de entrada uma parte, sendo as restantes nas condições que se convencionasse.

O mesmo sindicato compromettera-se a empregar nesses trabalhos só operários portugueses, reservando-se, porém, o direito de escolher os técnicos que entendesse.

O mesmo sucedia em relação aos materiais. Só aqueles que não houvesse em Portugal viriam do estrangeiro.

Que teria dito o governo em relação a esta proposta?—preguntará o leitor.

Não o sabemos. O que sentimos, e todos os que se interessam por estes problemas, é não haver entre nós a necessária assistência aos desgraçados que não têm recursos para chamar um médico quando caem à cama.

Há dias tratamos desenvoltivamente da falta de um hospital para tuberculosos.

Porque não se cria ele agora, visto que há alguém que se propõe erguer esse edificio?

Porque não se estuda a proposta apresentada?

Com ela lucraria a população hospitalar e os milhares de desempregados, como vemos depois.

A PONTE SOBRE O TEJO

O operariado e a população da margem sul reclamam a sua immediata construção

"A Batalha" vai arquivar nas suas colunas o pensamento dos sindicatos operários interessados no assunto

A campanha de A Batalha em favor da construção da ponte sobre o Tejo está concitando os aplausos do operariado. Até à nossa redacção chegam os protestos de admiração de alguns sindicatos e da população da outra margem do rio. A razão dessa attitude é a mesma que nos anima desde o início da campanha: contribuir para o debelamento da crise de trabalho.

A attitude das entidades encarregadas de resolver o assunto tem de modificar-se. Assim o reclamam milhares de pessoas, assim o entende o operariado que atravessa uma crise pavorosa.

A ponte sobre o Tejo interessa aos 600.000 habitantes de Lisboa e à população da margem sul do Tejo. Ligadas as duas margens muito teriam a ganhar todas as indústrias do outro lado do rio.

E' o que nos afirma um dos nossos correspondentes, que aplaude calorosamente a campanha de A Batalha. As dificuldades dos transportes, que são uma permanente arrelia dos que têm necessidade de deslocar-se para ganhar a vida, terminariam immediatamente.

O importante melhoramento interessa por esses e por outros motivos a muitíssima gente. Porque se demora a solução, se o caso depende apenas do simples despacho ministerial?

Parece-nos que o caso não tem outras complicações. O Estado não dispenderá um vintém. Logo não pode alegar-se que não há verba. A demora do assunto, por esse motivo, não se compreende muito bem.

Temos sobre a nossa mesa de trabalho bastantes cartas. A' nossa redacção tem chegado noticia do contentamento que vai em Almada pela construção da ponte. Nos organismos operários a satisfação também é grande.

Pois bem. A Batalha vai neste momento tratar o assunto sob outro aspecto: arquivando nas suas colunas o pensamento dos sindicatos operários interessados no caso e da população de Almada.

Nesta espécie de inquérito deporão apenas aquelas entidades que não têm interesses financeiros ligados à construção da ponte. Queremos—e havemos de consegui-lo—manter a linha de independência que nos anima nesta cruzada.

A Batalha tem interesse na construção da ponte sobre o Tejo pelo que ela traz de vantajoso para o público e para o operariado. Não é demais repetir que não conhecemos, nem nunca tivemos relações, com a empresa que se propõe erguer esse monumento. Por isso este jornal reserva-se o direito de recusar a publicação de quaisquer opiniões que de algum modo belisquem nesta orientação.

A ponte sobre o Tejo é uma das aspirações populares. A ponte sobre o Tejo vai ao encontro de uma grande aspiração dos desempregados.

Logo, só o povo—que não são as empresas as financeiras—e o operariado terá o direito de dizer nestas colunas o que julgar vantajoso para a materialização deste grande sonho, visto esta tribuna ser a única onde o povo pode defender os seus legítimos interesses.

NOTAS & COMENTÁRIOS

"Os sete pecados"

O último volume da "Coleção de Hoje", intitulada-se "Os sete pecados" e é seu autor o escritor cubano Hernandez Catá.

"Os sete pecados" são uma selecção dos melhores contos daquella literatura, que é conhecida em Espanha e nos países sul-americanos como o mais talentoso contista contemporâneo do idioma castelhano.

Em todos esses trabalhos perpassam vários tipos da sociedade contemporânea: os que sofrem, os que se degradaram e possuem, contudo, no recessos das almas, um pouco ainda de dignidade e alvêz e os que parecem dignos e que, todavia, são erapulosos no fundo: ponteiros de ambições inconfessáveis, máscaras de vilões ilimitadas.

A tradução de "Os sete pecados" foi feita pelo publicista português Novais Teixeira.

Escapadela?

Do artigo de fundo do Correio da Manhã de anteontem:

"Como é bom recordar o que de bom e de grande os nossos reis fizeram e como é triste e desolador o que a 1910 se tem seguido."

Então, o 28 de maio e a situação militar dele saída, também são tristes e desoladores?

Como ainda na véspera aplaudiam calorosamente o 28 de maio e a situação militar dele saída, assiste-nos o direito de manifestar a nossa estranheza e de formular a seguinte interrogação:

"Houve reviravolta ou trata-se, simplesmente, duma involuntária fuga para a sua sinceridade política?"

Um protesto simpático

Vieram ontem a esta redacção os mais infantis e simpáticos visitantes: umas crianças da Escola Primária n.º 68, da Penha de França.

Em termos cheios duma ingenuidade tocante, manifestaram-nos a sua mágnua sinceridade, que se revelava na tristeza dos seus olhos e no maneirismo que se exprimiam, por se não ter a sua escola associada à "Semana da Criança". Estes petizes sentiram-se isolados no dia em que milhares dos da sua idade confraternizavam com simpática alegria nos parques da cidade.

O seu protesto entendeu-nos; só não entenderia também certos bipedes de forma humana que por aí andam esvaziando odios, prejudicando e caluniando a espécie a que pertencem.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2800; pelo correio, 2850. Redacção da administração de A Batalha.

SEMANA DA CRIANÇA

Terminam hoje as festas desta jornada infantil que decorreu cheia de entusiasmo

Terminam hoje as festas da "Semana da Criança". Foram sete dias de alegre convivio em que a petizada folgou e se divertiu.

Todas as pessoas que tiveram o prazer de assistir a algumas das festas guardam indeléveis recordações desta semana. A nota indelével da distribuição de milho aos pobres nas praças publicas, pelo que de infantil e gracioso encerra, ficará viva na memória dos que gozaram esse espectáculo de alegria e mocidade.

Bem sabemos que os jornais reaccionários viram nestes gestos o dedo da Macanaria, esse espantalho que vive apenas dum passado. Gostaria mais certa imprensa que as crianças ajoelhassem em frente do Senhor.

Tenham paciência. O século XII não pode regressar, como nós jámais voltaremos à infância...

Pois a "Semana da Criança" marcou este ano como um acontecimento pedagógico. Bem haja a sua comissão organizadora em proporcionar a petizada motivos de prazer e de alegria.

E oxalá que o ano de 1928 continue a afirmar os mesmos progressos, com o que terão a lucrar quantos anseiam por um mundo perfeito.

As comemorações de ontem Na Liga Pró Moral

Na Liga Pró Moral e Sindicato dos Arsenallistas de Marinha, com sede na travessa do Fala 58, realizou-se ontem uma festa de confraternização das crianças das escolas mantidas por instituições.

De manhã houve uma sessão de leitura de contos infantis, um almoço às crianças e uma sessão cinematográfica.

Às 13 horas as crianças referidas dirigiram-se para o Parque Silva Porto, em Benfica, acompanhadas pela professora D. Eugénia da Cruz Azevedo e dos membros da direcção das duas colectividades, tendo-se realizado no aprazível parque uma interessante festa de confraternização das crianças das escolas primárias que ali foram recrear-se.

Na Escola Primária n.º 5

Os alunos da escola n.º 5, em número de 400, acompanhados das professoras sr.ªs DD. Laura Ghira, Aurelia Ferreira da Silva, Menezes P. da Costa, Emilia Nunes Roldão, Maria do Nascimento Teles, Maria Canetto, Maria de C. Correia, Lidia Rodrigues, Umbelina Rosa Vasques, Zulmira do Carmo Dias Martins, Maria do Patrocínio Baptista, Alzira Vidigal Nunes e dos srs. Venancio da Silva, Francisco C. Ramos e Manuel Marques de Freitas, realizaram ontem uma excursão à Nossa Senhora do Monte, onde lhes foi distribuído um lanche,

oferecido pela junta de freguesia de São Tiago.

No Liceu Gil Vicente

Também no Liceu Gil Vicente se realizou uma interessante festa, que constou da distribuição de premios aos alunos que venceram as provas desportivas realizadas este ano naquele estabelecimento de ensino. Depois o sr. Luis Silveira fez uma conferência subordinada ao tema: "Desdobramento marítimo", seguindo-se uma sessão de animatógrafo.

A comissão organizadora da festa era constituída pelos srs. Luis Estevam, Cunha Filho, Manuel Crespo, Alberto Ferreira, Luis Silveira e José Grave.

Uma conferência de D. Vitória Pais

Na sede da Universidade Popular Portuguesa fez a notavel professora, D. Vitória Pais, uma conferência que fundamente impressionou pela clareza das suas ideias, tão cheias de humanidade e de idealismo, tão vibrantes na sua condenação vigorosa e sentida da moral burguesa.

D. Vitória Pais deu a sua conferência o título "Preparamos o futuro salvando as crianças" e isto já se tornaria um protesto activo e acusador. Lamentando que a longa e criteriosa exposição da notavel mulher não possa ser inteiramente transcrita nas nossas colunas, vamos dar uma summa do intento de comunicar ao leitor as ideias brilhantemente defendidas por D. Vitória Pais.

A conferente afirma a necessidade imperiosa de se combater a sociedade actual, cujas injustiças e dôres offerecem aspectos horrorescos. Devemos concordar energias para fundar solidamente a justiça e a igualdade, attendendo à selecção proveitosa dos elementos que devem empreender a grande obra de construção. Devemos preparar-nos para uma luta esforçada, pois os inimigos da justiça e da fraternidade não de opor-se com violência. O triunfo será, enfim, da Bondade, porque ella inspira valor e nobreza.

Encaremos como urgente e necessária a tarefa de salvar os pequeninos; esta missão deverá ser muito mais nobre e justa do que especular com a "salvação de raparigas" que só a sociedade perde. Preparar os pequeninos é fazer uma profunda revolução nos nossos costumes.

E' preciso destruir todos os preconceitos deste tempo e, depois, revolvendo os escombros, consolidar as rasas da Sciência nova que se denomina eugénica e se propõe a formar melhor a criança, preparando-lhe bons ambientes desde o seu nascimento até lhe garantir o gozo de todos os direitos de que a têm esbulhado. Dignificando a criança, dignificaremos o homem.

(Continua na 2.ª página)

Partiu ontem para Genebra

um individuo que se inculca representante dos trabalhadores organizados :-

Partiu para Genebra o sr. José de Almeida, presidente da Cooperativa dos Catracheiros, afim de tomar parte, como representante do operariado português, na Conferência Internacional do Trabalho, promovida por uma secção da Sociedade das Nações.

O sr. Almeida podia ir a Genebra, ou a outra qualquer parte do planeta, que nós com isso nada teríamos. Mas, o sr. Almeida arrogou-se a representar o operariado português, sem que este lhe tivesse confiado semelhante encargo.

Praticou, portanto, uma fraude; cometeu, incontestavelmente, um abuso. Em Genebra é possível que o acreditem como tal, porque na Conferência Internacional do Trabalho não há nenhum desejo sincero, nenhuma vontade imperiosa em averiguar se o sr. Almeida representa quem diz representar ou se é apenas uma criatura que vai cometer uma burla, tendo a nítida consciência do triste papel, da má acção que praticou.

Os trabalhadores portugueses já afirmaram o seu pensamento: a respeito da Conferência Internacional do Trabalho, negando-lhe a sua adesão, por a reconhecerem um instrumento de defesa do regime capitalista; sobre o sr. Almeida, negando-lhe o direito de se inculcar seu representante e afirmando que, mesmo que concordassem com essa conferência—e se tal fizessem atentavam contra os seus interesses e pactuavam com o inimigo comum—nunca o escolheriam, por não lhe reconhecerem competência, visto ser quasi um analfabeto e ignorar até as necessidades e as aspirações de todas as classes trabalhadoras, exceptuando algumas das classes fluviais.

Isto equivale à exaltação moral e mental dum homem e constitue o aniquilamento dum militante operário.

Apesar disso, talvez só pela perspectiva dum passeio feito em boas condições, em luxuosas carruagens e em esplêndidas instalações nos mais burgueses hotéis, com todas as despesas pagas pelo Estado, traíu todas as suas afirmações, abandonando até aqueles que, tendo abandonado a C. G. T., não concordaram com a sua attitude.

Assim o quis, assim o tenha... Agrade-lhe mais o passeio de que a obediência à sua consciência e o respeito à vontade do proletariado. Fica, pois, definido, conforme o tem feito nestas colunas o operariado nas notas officiosas dos seus organismos, como o fizeram até representantes dos sindicatos socialistas, simpatizantes com Moscú.

Fica também desmascarado o estolo moral dum Catão postico, que tantas acusações fazia à C. G. T.

PERSPECTIVAS

As desculpas de um homem que se fez multimilionário

Quando morreu certo banqueiro espanhol que deixou sessenta milhões, Rostchild disse:

—Pobresinho! julgava-o mais desafogado...

Pobre Rostchild! poderá um dia exclamar João Rockefeller, cuja fortuna ultrapassa cinco biliões. Como accionista da Standard Oil Company cobra uns trinta milhões annuaes de dividendos. E é ainda accionista do "Trust" de Aço e de muitas outras poderosas empresas. Só na cidade de Cleveland possui bens imóveis cujo valor atinge setenta e cinco milhões... Quem poderá calcular, a não ser ele, se o permite a sua vacillante memória de decrépito, a attitude da enorme cordilheira dos seus capitais? Rockefeller, no nosso planeta, é o Himalaia do ouro.

Filho de um moço de cocheira, colhendo batatas alheias, reuniu os primeiros centavos, os primeiros dólares. Lançou-se depois na pequena nave do seu pecúlio; sobre um mar de petróleo que lhe foi bonançoso e, aos trinta e seis anos, possuía já 25 milhões. Não serci eu quem lhe negue audácia, perseverança, génio.

Agora, à beira da sepultura estreita, onde só há lugar para ele, Rockefeller distribui aos mendigos 1.500 milhões dos cinco biliões vindos do nada. Esta monstruosa doação debilita a "Standard Oil". Ainda bem.

Se todos os milionários fizessem como Rockefeller, ainda que para tal esperassem a decrepitude postrema, muitas lágrimas de menos haveria no mundo.

O texto do projecto já famoso diz que as intenções do doador são "prevenir e socorrer os que sofrem". Boas intenções, mais proprias para dissipar do que para consolidar fortunas. Se assim tivesse pensado sempre, jámais Rockefeller teria ganho um triste milhão... porque em um milhão há de tudo, até sangue. E' justo que se restituia aos míseros uma parte do que lhe sugaram, melhor ainda seria não ter que restituir.

Ante a filantropia enorme de Rockefeller, o qual anuncia que nunca fez senão começar, já se tem falado no "trust da beneficência". Porventura, os heróis de "Le Trust", recente e admiravel livro de Paul Adam, encolheriam os ombros, vendo em Rockefeller, como nos filósofos ateus que ao sentirem-se morrer chamam o padre, uma vítima da cerebração senil.

Contudo o fenómeno é frequente na América do Norte: Rockefeller imita os Morgan e os Carnegie. Com a cultura industrial contemporânea, Roma teria produzido os Neros do capital. Hoje, é tarde: o individuo não resiste à tensão de uma riqueza tão excessiva. Chega um momento em que os peçoços dos multimilionários se vergam ao peso das áureas corôas. Lembrai-vos de que não são já os peçoços de touro dos antigos imperadores, senão os peçoços atrofiados pela democracia, enervados pela dispepsia.

A riqueza é uma energia e no nosso século todas as energias têm qualquer cousa de electricidade. E' impossível acumular energias em uma só cousa ou uma só pessoa. Por fim, rompem o seu envólucro e vibram e circulam, porque a sua virtude soberana é circular, fecundando e organizando e o seu capricho é sair dos canais por onde pretendemos conduzi-las.

E logo o ambiente aumenta de receptividade em condutividade e avança ao encontro das forças que se evadem.

A opinião publica dos Estados Unidos não toleraria impermeáveis Rockefeller que não largassem o seu dinheiro, de qualquer modo. Ser rico não livra do oprobrio e quantas vezes a beneficência é uma desculpa.

Rockefeller apresentou a sua pátria a desculpa de cinco biliões. E, em verdade, se é grande o país em que um homem consegue, sem violar as leis, juntar cinco biliões, é maior o país que não lhos perdoa e que, antecipando-se à morte, os obriga a devolver.

Rafael BARRET

Em Londres

vai realizar-se o 17.º Congresso da "União Internacional das Associações de Imprensa"

No dia 14 de Julho próximo realiza-se em Londres o 17.º Congresso da União Internacional das Associações de Imprensa, devendo ser discutidas as seguintes teses:

- 1.ª—Criação dum "bureau" de colaboração internacional.
- 2.ª—Exame da situação jurídica dos jornalistas; contratos colectivos entre Associações de Imprensa e Associações de directores ou proprietários; contratos de emprego, sem revogação e seguros de toda a espécie.
- 3.ª—Eleição dum Conselho jurídico da "União Internacional".
- 4.ª—Bilhete de identidade, modelo unico, que sirva de passaporte e dê direito a reduções no preço dos transportes.
- 5.ª—Propriedades das noticias.
- 6.ª—A questão do papel.

Neste Congresso far-se há representar a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto

EFEMERIDES

22 de Maio

1830.—Estala uma revolta em Paris, que teve como consequência a condenação à morte de Barbès e Blanqui, cuja pena foi comutada em prisão perpétua, mas que a revolução de 1848 anulou.

1876.—Os pregueiros portugueses voltam ao trabalho, vencendo a greve que tinham declarado no dia 12.

1885.—Morre Vítor Hugo. «Na história da literatura francesa só Voltaire pode ser comparado a Hugo, pela primazia que teve num século e pela influência soberana que exerceu na sua geração».

1889.—Novos tumultos no Porto contra os actos da Companhia Vinícola. A tropa dissolve um comício e persegue os populares, sendo feridos alguns deles.

1912.—Em Sletting declaram-se em greve os foguistas e os maquinistas da marinha mercante.

1913.—Graves incidentes em quatro regimentos de Orleans, por causa da lei dos três anos de serviço militar.

1924.—Por não serem atendidos nas suas reclamações, os operários do município lisboense abandonam o trabalho.

1925.—Morre no Porto o dr. Lemos Peixoto, abalizado médico e professor.

23 de Maio

1498.—E' enforcado e queimado em Florença, o padre Jerónimo Savonarola, a figura mais radiosa e culminante do século XV, pela intransigência e audácia com que, do alto do púlpito e em várias publicações, como na *Reforma das Crianças*, atacou os crimes e vícios da igreja católica e as orgias do incestuoso papa Alexandre VI, César Borgia.

1526.—O papa Paulo III expede uma bula, estabelecendo definitivamente o odiosíssimo e tenebroso tribunal da Inquisição, em Portugal.

1875.—Com o congresso de Gotha, fundase o partido socialista alemão.

1902.—Uma explosão de gás nas minas de Crownstern (Colômbia) ocasiona a morte de 150 operários.

1913.—O governo francês proíbe a manifestação anual do operariado ao cemitério do Père-Lachaise.

1924.—Em Bordeaux produzem-se graves tumultos, devido à proibição de uma conferência anarquista por Germana Berton.

1925.—São destruídas por um cataclismo três «cidades» japonesas, havendo 1.500 mortos.

O CASO DO PAIOLEIRO DO VAPOR

"LOURENÇO MARQUES"

Encontra-se em nosso poder uma nota redigida em papel de ofício do Sindicato Único dos Fogueiros de Mar e Terra, sobre o assunto "que serve de epígrafe a esta notícia."

Como, porém, esse documento não vem assinado, nem sequer traz o carimbo do referido organismo a autenticar a sua procedência, vimos-nos impossibilitados de o publicar, em virtude de percalços que nos têm sucedido.

DESPORTOS

Futebol

Lisboa-Madrid militar

Joga-se hoje no Campo Grande, às 17 horas, o desafio entre as equipas militares de Lisboa e de Madrid. O grupo espanhol é constituído pelos seguintes jogadores: Vidal; Olaso e Calvo; Menéndez, Peña e Reverter; Gonzalo, Valdearrama, Moraleda, Uribe e Moreno. Pelo grupo lisboeta jogam: Roquete; Carlos Alves e Azevedo; Raúl Figueiredo; Augusto Silva e César; Fernando António, João dos Santos, Silva Marques, Aliréon Ramos e José Manuel.

Campeonato escolar

Joga-se hoje em Palmavá, às 11 horas, a final-desempate para apuramento do vencedor do campeonato escolar. São adversários a Casa Pia e o Asilo Maria Pia.

Taça Alvaro Gaspar

Desafios marcados para hoje: No Lumiar: A's 11 horas, Cruz Quebrada contra Caravelinhos; às 9,30, Operário contra Sporting.

Em Palmavá: A's 9,30, Império contra Lus.

Nas Amoreiras: às 9,30, Fósforos contra Belencenses; às 11, Marvilense contra Benfica.

Jornalistas contra árbitros

No desafio jogado ontem nas Amoreiras verificou-se um empate de 2 bolas, tendo a beleza do jogo desenvolvido atraído a atenção da numerosa assistência.

EL QUINTO EVANGELIO

por HAN RYNER

A nossa Administração acaba de receber alguns exemplares desta obra, editada em espanhol, satisfazendo todos os pedidos acompanhados da respectiva importância. Preço: 8800. Pelo correio: 8880.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — Às 21 horas — HOJE
ÚNICA EXIBIÇÃO das últimas jornadas do lindíssimo "film" de arte

TITÍ, REI DOS GALIATOS
Títulos das jornadas: 3.ª «David contra Golias»; 4.ª «Viva Montmartre» — 6 partes cada uma

SONHOS DE AMOR
Cômica, em 2 partes

TUDO EM MOVIMENTO
Cômica, em 2 partes

REVISTA MUNDIAL
Jornal de actualidades

QUINTA-FEIRA, 26
Estréia da Grande Companhia de Revistas

com a célebre revista

FOOT-BALL

CRONICA DE COIMBRA

Um aspecto dos lupanares da burguesia

...Foi uma noite, dessas noites belas, brancas de luar, em que a mocidade se gasta, vibrando as cordas duma guitarra ou fazendo a corte às doidas meretrizes que vagueiam alta noite pelas ruas em busca das loucas bacanais.

Era tarde, muito tarde já, e eu seguia a passos lentos, naquela morbidez própria dos orientais, a recolher-me a casa, quando repentinamente um clamor de vozes mal distintas veio sacudir-me do sonambulismo em que seguia havia mais de meia hora.

Duas, três, quatro vezes os mesmos sons distantes. E, parti naquela direcção, modificando o rumo que levava.

Cheguei junto duma casa agitada, onde o diabinho me permitiu entrar.

Fui observando pouco a pouco.

Aproximei-me dum salão onde dançavam inúmeros cavalheiros e senhoras.

...Sedas, damascos, rendas, cristais finíssimos, decorações artísticas... Enfim, um fausto indescritível. Prosegui na minha análise... Era um verdadeiro assombro; uma bacanal perfeita...

...Ao fundo, os músicos, que mal distinguia pela atmosfera carregadíssima de essências e poeiras, que me turvavam o olhar e que envolviam misteriosamente todos os convivas, tocavam as danças macabras do país do chá, que os espelhos da luxúria — os Faustos e as Vênus sensuais — executavam em desordenados passos...

Observei atentamente todos os gestos, olhares e movimentos daquela imensa multidão de bêbedos. Escutei todas as conversas.

A um lado da sala os papás, máscaras silfíticas, espectros do horror, discutiam com calor as agradáveis sensações da dansa.

A outro, as mããs, que, estou certo, haviam gasto enquanto raparigas, a mocidade, pelos canchãos dos salões da sociedade faustosa e da luxúria... lavavam do casamento de suas filhas!...

...E a dansa terminou agora.

...Todos os seus lugares.

Exaustos de cansaço, vêm desfilando perante mim as fisionomias arruinadas das crianças jovens...

...Ao longe confundem-se com Ana Balena — a «Linda».

...Ao perto, lavadas as caracterizações, são autênticos cadáveres, que se começam carcomendo pela sífilis, e que dão idéas das caveiras que jazem pelas catacumbas dos cemitérios.

Trazem a boca seca do cansaço; e, nos lábios, para os cantos, veios de carmim que de longe se nos mostram como sangue.

Os corpos trementes, de formas imperfeitas, apresentam, pelos braços nus e peitos desnudados, pequenas cicatrizes.

As caras estão transformadas em telas de pintura.

Os peitos, quasi unidos às costas, tornam-se curvas, dando-me a idéa de que são estátuas cambadas, que passeiam no salão...

...E, por fim, des, os anémicos palhaços, as estátuas enfezadas, filhos do orgiaco amor.

São cordeais, amáveis, muito elegantes na frase; conversadores, e as suas narrativas dengosas agradam deveras às damas cortejadas...

Alguns tempo depois termina o festim profano.

E eu, que observara tudo aquilo com a serenidade dos justos, escapei-me com toda a precaução...

Entre em casa eram 7 horas da madrugada.

Ao chegar ali, lembrei então a tristeza que havia de causar-te a minha narrativa...

20, Maio, 1927.

Campos da SILVEIRA

No campo de aviação da

Amadora

Deu-se ontem um desastre

No campo de aviação da Amadora deu-se ontem um desastre em condições muito extravagantes.

De manhã, o capitão Pereira Gomes, comandante da esquadilha de observação e bombardeamento, que havia estado de serviço durante a noite, mandou sair do «hangar» o seu avião Vickers 2, para voar sobre Lisboa.

Preparado o aparelho, o capitão Pereira Gomes saltou para a carlinga e largou.

Exactamente no momento em que o avião descolava, o trem de aterragem desprendeu-se e o aparelho foi para o ar sem meios de pousar de novo sobre o terreno.

Os oficiais e mecânicos que estavam no campo e haviam dado pelo desastre, deram imediatamente alarme e, para o terreno veio a ambulância, organizando-se os prontos socorros.

Entretanto, o comandante Pereira Gomes que ignorava a perda do seu trem de aterragem, voava tranquilamente sobre a linha de Cascais, subindo o Tejo e passando depois sobre a capital.

De Lisboa dirigiu-se à Amadora e uma vez sobre o terreno, baixou, preparando a aterragem.

Na pista, os seus camaradas, os mecânicos e os soldados estavam horrorizados pela iminência de um desastre — perante o qual se sentiam absolutamente impotentes.

Pereira Gomes, preparou esplendidamente a aterragem. Mas o aparelho, privado das rodas, mal tocou o solo, desfez-se.

E só à maneira impecavel como desceu sobre o terreno, deveu o comandante da esquadilha dos Vickers sair do aparelho espantado, sem uma única beliscadura.

A «Aldeia dos Macacos».

No Jardim Zoológico inaugurou-se ontem a «Aldeia dos Macacos», melhoramento com que a direcção daquele jardim o resolveu dotar.

Trata-se de um recinto largo, um morro rodeado por uma divisória especial de onde os visitantes poderão assistir ao espectáculo curioso de toda a macacaria do jardim desde ontem, ali, à redea solta.

OS QUE MORREM

Joachim Duarte Fernandes

Faleceu ontem no Bairro o menino Joaquim Duarte Fernandes, de 5 anos, filho do ferroviário Manuel António Fernandes, realizando-se hoje, de tarde, o seu funeral, para o cemitério da vila.

ESPERANTO

O congresso da SAT o a importância desta associação operária

Em Lyon, França, terá lugar de 12 a 16 de Agosto próximo o VII Congresso da Senneca Associação Tatmond (SAT). Até hoje já se anuncia quasi uma centena de congressistas, devendo este número subir a várias centenas, como tem sucedido nos anos anteriores.

Aproveitando a realização do congresso, pensa a comissão organizadora efectuar uma sessão internacional de propaganda de esperanto, na qual falarão esperantistas de várias nações. Após o congresso far-se-ão excursões a Saint-Etienne, Grenoble e Alpes. Durante o congresso, no qual se tratarão assuntos de palpantes interesse para o movimento esperantista operário, realizar-se-ão reuniões de livres pensadores cooperativistas, desportistas, estudantes, educadores, jovens, rádioamadores, combatentes vermelhos, etc.

A SAT é a única organização revolucionária internacional, abrangendo os esperantistas operários de todas as tendências. Actualmente a SAT é uma rival poderosa da burguesia Universal Esperanto-Asocio, que até há pouco era considerada como a única organização «de facto» dos esperantistas. A SAT publica semanalmente o seu órgão *Sennaculo*, com 8 páginas, e mensalmente um suplemento literário, científico e técnico *Sennaculo Revuo* e uma folha dedicada aos novos esperantistas *La Lernanto*. O *Sennaculo* publica páginas especiais sobre rádio, desporto e para jovens, com geral agrado. E' a todos os títulos um jornal interessante, o qual, além de tratar de variados assuntos, publica informações sobre o operariado, seus salários e condições de vida.

E' tão importante o movimento da SAT que a gazeta *Espero Katolika*, órgão dos esperantistas católicos, se exprime assim num dos seus números:

«Quando comparamos o movimento da SAT com o da União Internacional dos Católicos Esperantistas temos de confessar que o nosso movimento é como um pinguim junto daquele «quasi-gigante».

Quem é o causador daquela grande diferença? Nós mesmos.

Os operários esperantistas criaram um movimento áparté, cujo sucesso é devido aos seus próprios esforços. Entretanto os esperantistas católicos colaboram, na maioria, nas sociedades neutrais, e pagam para os jornais neutrais, numa palavra, para o movimento esperantista geral... Isto não pode durar sempre. Queremos ou não colocar o Esperanto ao serviço da Igreja, de Cristo?

O espírito revolucionário, como se vê, ameaça invadir o campo católico...

«Quando comparamos o movimento da SAT com o da União Internacional dos Católicos Esperantistas temos de confessar que o nosso movimento é como um pinguim junto daquele «quasi-gigante».

Quem é o causador daquela grande diferença? Nós mesmos.

Os operários esperantistas criaram um movimento áparté, cujo sucesso é devido aos seus próprios esforços. Entretanto os esperantistas católicos colaboram, na maioria, nas sociedades neutrais, e pagam para os jornais neutrais, numa palavra, para o movimento esperantista geral... Isto não pode durar sempre. Queremos ou não colocar o Esperanto ao serviço da Igreja, de Cristo?

O espírito revolucionário, como se vê, ameaça invadir o campo católico...

«Quando comparamos o movimento da SAT com o da União Internacional dos Católicos Esperantistas temos de confessar que o nosso movimento é como um pinguim junto daquele «quasi-gigante».

Quem é o causador daquela grande diferença? Nós mesmos.

Os operários esperantistas criaram um movimento áparté, cujo sucesso é devido aos seus próprios esforços. Entretanto os esperantistas católicos colaboram, na maioria, nas sociedades neutrais, e pagam para os jornais neutrais, numa palavra, para o movimento esperantista geral... Isto não pode durar sempre. Queremos ou não colocar o Esperanto ao serviço da Igreja, de Cristo?

O espírito revolucionário, como se vê, ameaça invadir o campo católico...

«Quando comparamos o movimento da SAT com o da União Internacional dos Católicos Esperantistas temos de confessar que o nosso movimento é como um pinguim junto daquele «quasi-gigante».

Quem é o causador daquela grande diferença? Nós mesmos.

Os operários esperantistas criaram um movimento áparté, cujo sucesso é devido aos seus próprios esforços. Entretanto os esperantistas católicos colaboram, na maioria, nas sociedades neutrais, e pagam para os jornais neutrais, numa palavra, para o movimento esperantista geral... Isto não pode durar sempre. Queremos ou não colocar o Esperanto ao serviço da Igreja, de Cristo?

O espírito revolucionário, como se vê, ameaça invadir o campo católico...

«Quando comparamos o movimento da SAT com o da União Internacional dos Católicos Esperantistas temos de confessar que o nosso movimento é como um pinguim junto daquele «quasi-gigante».

Quem é o causador daquela grande diferença? Nós mesmos.

Os operários esperantistas criaram um movimento áparté, cujo sucesso é devido aos seus próprios esforços. Entretanto os esperantistas católicos colaboram, na maioria, nas sociedades neutrais, e pagam para os jornais neutrais, numa palavra, para o movimento esperantista geral... Isto não pode durar sempre. Queremos ou não colocar o Esperanto ao serviço da Igreja, de Cristo?

O espírito revolucionário, como se vê, ameaça invadir o campo católico...

«Quando comparamos o movimento da SAT com o da União Internacional dos Católicos Esperantistas temos de confessar que o nosso movimento é como um pinguim junto daquele «quasi-gigante».

Quem é o causador daquela grande diferença? Nós mesmos.

Os operários esperantistas criaram um movimento áparté, cujo sucesso é devido aos seus próprios esforços. Entretanto os esperantistas católicos colaboram, na maioria, nas sociedades neutrais, e pagam para os jornais neutrais, numa palavra, para o movimento esperantista geral... Isto não pode durar sempre. Queremos ou não colocar o Esperanto ao serviço da Igreja, de Cristo?

O espírito revolucionário, como se vê, ameaça invadir o campo católico...

«Quando comparamos o movimento da SAT com o da União Internacional dos Católicos Esperantistas temos de confessar que o nosso movimento é como um pinguim junto daquele «quasi-gigante».

Quem é o causador daquela grande diferença? Nós mesmos.

Os operários esperantistas criaram um movimento áparté, cujo sucesso é devido aos seus próprios esforços. Entretanto os esperantistas católicos colaboram, na maioria, nas sociedades neutrais, e pagam para os jornais neutrais, numa palavra, para o movimento esperantista geral... Isto não pode durar sempre. Queremos ou não colocar o Esperanto ao serviço da Igreja, de Cristo?

O espírito revolucionário, como se vê, ameaça invadir o campo católico...

«Quando comparamos o movimento da SAT com o da União Internacional dos Católicos Esperantistas temos de confessar que o nosso movimento é como um pinguim junto daquele «quasi-gigante».

Quem é o causador daquela grande diferença? Nós mesmos.

Os operários esperantistas criaram um movimento áparté, cujo sucesso é devido aos seus próprios esforços. Entretanto os esperantistas católicos colaboram, na maioria, nas sociedades neutrais, e pagam para os jornais neutrais, numa palavra, para o movimento esperantista geral... Isto não pode durar sempre. Queremos ou não colocar o Esperanto ao serviço da Igreja, de Cristo?

O espírito revolucionário, como se vê, ameaça invadir o campo católico...

«Quando comparamos o movimento da SAT com o da União Internacional dos Católicos Esperantistas temos de confessar que o nosso movimento é como um pinguim junto daquele «quasi-gigante».

Quem é o causador daquela grande diferença? Nós mesmos.

Os operários esperantistas criaram um movimento áparté, cujo sucesso é devido aos seus próprios esforços. Entretanto os esperantistas católicos colaboram, na maioria, nas sociedades neutrais, e pagam para os jornais neutrais, numa palavra, para o movimento esperantista geral... Isto não pode durar sempre. Queremos ou não colocar o Esperanto ao serviço da Igreja, de Cristo?

O espírito revolucionário, como se vê, ameaça invadir o campo católico...

«Quando comparamos o movimento da SAT com o da União Internacional dos Católicos Esperantistas temos de confessar que o nosso movimento é como um pinguim junto daquele «quasi-gigante».

Quem é o causador daquela grande diferença? Nós mesmos.

Os operários esperantistas criaram um movimento áparté, cujo sucesso é devido aos seus próprios esforços. Entretanto os esperantistas católicos colaboram, na maioria, nas sociedades neutrais, e pagam para os jornais neutrais, numa palavra, para o movimento esperantista geral... Isto não pode durar sempre. Queremos ou não colocar o Esperanto ao serviço da Igreja, de Cristo?

O espírito revolucionário, como se vê, ameaça invadir o campo católico...

«Quando comparamos o movimento da SAT com o da União Internacional dos Católicos Esperantistas temos de confessar que o nosso movimento é como um pinguim junto daquele «quasi-gigante».

Quem é o causador daquela grande diferença? Nós mesmos.

Os operários esperantistas criaram um movimento áparté, cujo sucesso é devido aos seus próprios esforços. Entretanto os esperantistas católicos colaboram, na maioria, nas sociedades neutrais, e pagam para os jornais neutrais, numa palavra, para o movimento esperantista geral... Isto não pode durar sempre. Queremos ou não colocar o Esperanto ao serviço da Igreja, de Cristo?

O espírito revolucionário, como se vê, ameaça invadir o campo católico...

Lisboa trágica

O polícia e o taberneiro

Na Calçada dos Olivais, existe uma taberna, cujo proprietário antontem, tendo a porta aberta, depois das 21 horas, foi avisado pelo polícia n.º 1963, Jorge Caetano, 29 anos, residente na estrada das Amoreiras, Vila Júlia, n.º 1, que andava de serviço na área, para fechar, visto estar fora do tempo permitido pela lei. O taberneiro prometeu cumprir, continuando o civico no seu giro.

Dentro da locanda, encontrava-se vários indivíduos, entre os quais dois filhos do Latão, que ali continuaram, não tendo o dono da taberna cumprido as ordens do agente. Mais tarde um vizinho queixou-se ao mesmo guarda, que da taberna partia muito barulho, pelo que este voltou ao local na disposição de se fazer obedecer. Uma vez ali, longe de ser acatado, foi recebido agressivamente, e por fim agredido pelos filhos e fregueses que estavam abancados na loja.

O civico na rua defendeu-se dos agressores que eram quatro, todavia não os podendo conter, sacou da sua pistola. No momento de desfechar a arma encravou-se e os agressores, contudo, receosos da pistola, puzeram-se em fuga. Pela madrugada de ontem o polícia foi conduzido ao Banco do Hospital de S. José, onde se verificou estar ferido na cabeça, sendo pensado e recolhido a casa. Ontem de tarde voltou ali novamente, visto sentir-se mal dos rins, porém não ficou satisfeito. Os agressores foram presos ontem.

Curativos no Banco

No Banco do Hospital de São José receberam curativo e não ficaram hospitalizados.

Carlos Cardoso Santos, 24 anos, residente na rua das Amoreiras, n.º 113, que caiu duma carroça, na Avenida da Liberdade, sendo apanhado pela roda que o deixou ferido no pé esquerdo.

António de Albuquerque, 54 anos, proprietário, residente na rua da Trindade, 44, 2.ª, que foi atropelado por uma carroça no largo de Camões, ficando ferido na cabeça e no ante-braccio direito.

No que dá o jógo

Na sala de Observações do Hospital de S. José faleceu ontem, às 16 horas, Augusto Dias Ribeiro, mais conhecido pelo «Augusto da Mariana», aquele indivíduo que foi agredido a tiro, na Praça dos Restauradores, na manhã de antontem, por António Baptista, depois de ambos saírem de uma casa de jógo. O cadáver recolheu à casa mortuária do Hospital de São José.

Menor atropelado

Ontem, pelas 17 horas, andavam três rapazes brincando na rua Augusto Rosa quando o automóvel S 340-A ali passou, colidindo o menor Rui Cardoso da Silva, oito anos, residente na rua dos Douradores, n.º 49, 4.ª. Conduzido no mesmo auto ao Banco do Hospital de São José, ali recebeu curativo visto achar-se contuso pelo corpo, recolhendo em seguida a casa.

Agressão brutal

A enfermeira-depósito (n.º 16), do Hospital de São José, recolheu Beatriz Ferreira, 30 anos, natural de Lisboa e residente na rua do Passadizo, n.º 18, que no dia 13 foi agredida a pontapé por um indivíduo, na rua Eduardo Coelho.

Queda mortal

Da casa mortuária do Hospital de São José saiu, dando ingresso na Morgue, a fim de ser autopsiado o cadáver daquele menor, Artur António das Neves, que há dias em Linda-a-Velha foi vítima duma queda.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

TERRAS DE FOGO

— DE —
Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8500

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

Reclamações ferroviárias

A Comissão delegada da Federação Ferroviária e do Sindicato dos ferroviários do Sul e Sueste, teve ontem uma demorada conferência com o Ministro do Comércio, sobre os assuntos que interessam os ferroviários das linhas que pertenciam ao Estado. Esta entidade demonstrou a sua boa vontade em fazer justiça e defender os interesses legítimos.

A Comissão também foi recebida pelo Chefe do Gabinete do Ministério do Interior, com quem tratou da reabertura do Sindicato do Sul e Sueste e da União Ferroviária.

Aljustrel

Perspectiva aterradoradora

ALJUSTREL, 18.—A situação que a população trabalhadora atravessa é cada vez pior. As oficinas estão despedindo pessoal, agravando-se as condições de vida de dezenas de operários e suas famílias.

Estão na iminência de ficar sem trabalho dois terços dos trabalhadores de Aljustrel, pois consta que vão encerrar ainda mais oficinas.

A que ponto nos levará tal situação? Os operários querem trabalhar e os industriais fecham-lhes as portas das oficinas. Só há uma solução: entregar estas a quem as possa movimentar para que a miséria não alastre mais sobre esta população sofredora. —C.

Obras de Zola

A Taberna..... 12500.

Tereza Raquin..... 5500

Alegria de viver (2 vol.).....



CRÓNICA DO ESTRANGEIRO

As tentativas de navegação aérea

A travessia do Atlântico

Os aviadores norte-americanos já iniciaram o seu planeado «raide»

NOVA YORK, 21.—O capitão Lind Bergh iniciou ontem a sua viagem aérea Nova York-Paris, tendo partido de Longland às 7 horas e 40 minutos da manhã, em meio das aclamações de uma enorme multidão. O avião leva 450 boções de petróleo.—L.

Os técnicos confiam no êxito do capitão aviador Lindbergh, por este ter conseguido atravessar, sem incidente, o nevoeiro que envolvia a Terra Nova. As últimas notícias, recebidas hoje de manhã, dão o avião a 700 milhas afastado da costa, navegando em direcção à Irlanda.—L.

NOVA YORK, 21.—Lind Bergh atravessou a costa da Nova Escócia, às 17 horas, de ontem, passando às 21 horas sobre a Lapólie, em New-Fondland.—L.

NOVA YORK, 21.—O avião tripulado por Lind Bergh, tendo atravessado a Nova Escócia, chegou a East Greenwich, na Rhode Island, às oito e vinte da manhã.—L.

NOVA YORK, 21.—Lind Bergh deve estar, às dez horas de hoje, na ilha Valenteira, chegando a Paris à 1 da madrugada de amanhã.—L.

BERLIM, 21.—Dizem de Milão que o avião de Pinedo iniciará esta tarde o seu voo para Lisboa, via Açores.—L.

LONDRES, 21.—Os aviadores Carr e Gilman passaram em West-Baden às 15,30, de ontem.—L.

PARIS, 21.—O avião Marmier acaba de bater o «record» do mundo de velocidade.—L.

BERLIM, 21.—Os governos alemão e italiano assinaram um acordo sobre o tráfego aéreo.—L.

A loucura dos armamentos

Um acordo militar turco-soviético?

SOFIA, 21.—Os jornais búlgaros afirmam ter sido assinada uma convenção turco-russa pela qual a Turquia se compromete a fornecer aos soviéticos avulsa quantidade de material de guerra e 1.500 oficiais instrutores.—L.

O «pacifismo» francês

PARIS, 21.—A comissão de negócios estrangeiros da Câmara dos Deputados aprovou a exposição perante ela feita por Paul Boncour acerca da acção da delegação francesa da comissão de desarmamento.—L.

Política de imperialismos

A disputa de Tanger

LONDRES, 21.—Foram suspensas as negociações franco-espanholas sobre a questão de Tanger, por motivo de divergências entre os dois governos acerca do assunto.—L.

A intangibilidade fascista

BUDAPEST, 21.—A comissão do regimento da câmara dos deputados resolveu propor a suspensão do exercício das suas funções por quinze dias ao deputado socialista Varnay por haver pronunciado palavras ultrajantes para a Itália e para Mussolini, quando da discussão do tratado italo-húngaro.—L.

A dominação dos povos

BEYROUT, 21.—As tropas francesas derrotaram os rebeldes, que tiveram bastantes mortos, entre eles os chefes Izzeddine e Ab-el-Kader, e muitos feridos. Foram capturados quinze rebeldes, registando-se também elevado número de rendições.—L.

FEZ, 21.—Depois de uma demorada conferência entre os chefes do estado maior das tropas francesas e espanholas foi dada ordem para que as zonas infestadas pelos mouros dissidentes fossem completamente limpas.—L.

A guerra bolchevista-conservadora

A Inglaterra rompe com a Rússia

LONDRES, 21.—O *Daily Mail* afirma que a nota britânica, enviada a Moscova a seguir às investigações sobre o caso da «Arcos», declara ser dado por findo o tratado de comércio anglo-russo e estão interrompidas as relações diplomáticas entre a Grã-Bretanha e os soviéticos.—L.

A repressão em França

PARIS, 21.—O conselho de ministros deu a sua aprovação à política dos srs. Barthou e Sarraut relativamente aos comunistas.—L.

Um agressor em cura de repouso

REVAL, 21.—O russo branco Ivkof, que havia sido preso por, durante uma conferência, haver maltratado o ex-comissário soviético Milionkoff, vai ser internado na ilha Kihno.—L.

Publicações recebidas

Anuário Estatístico de Portugal

A direcção geral de estatística do ministério das Finanças acaba de editar o «Anuário Estatístico de Portugal», relativo ao ano de 1925.

Censo da População de Lisboa e Pórtio

Editado pela mesma direcção geral foi também publicado o «Censo Extraordinário da população das cidades de Lisboa e Pórtio».

Por se tratar de dois trabalhos importantes, mais de espaço nos ocuparemos deles.

HEROISMOS

Um julgamento emocionante num tribunal americano

NOVA YORK, 30 de Abril.—Novamente, os dois revolucionários italianos, cuja sorte tanto apassiona o mundo, compareceram no tribunal de Dedham, estado de Massachusetts, tendo de ouvir a confirmação da terrível sentença. A atitude dos acusados impressionou o público e a própria imprensa burguesa reflectiu essa impressão.

Tanto Nicolau Sacco como Bartolomeu Vanzetti escutaram serenamente a sentença. Como o presidente do tribunal, o torvo Thayer, os convidasse a fazer afirmações, eles aceitaram o convite. Ambos apontam o juíz Thayer de parcial e assassino. Thayer empalidece ante a decisão dos sentenciados que parecem, então, severos acusadores.

—Nunca soube da existência de um tribunal mais cruel—afirmou Sacco. Nós fraternizamos com o povo, com o saber e com a literatura e os senhores perseguem o povo e os livros.

E depois acrescenta com emoção: —Há sete anos que me perseguem, a mim e a minha esposa, e, todavia, sou condenado à morte, sabendo o juíz Thayer qual tem



O juíz Thayer

sido o meu passado e como estou inocente de tudo, de tudo!

Nenhum deles pede indulgência na sua dramática oratória. Eloquentemente afirmam a sua inocência do crime de que os acusam: a morte de um cobrador e um guarda durante o assalto a uma fábrica de calçado de Braintree, em 15 de abril de 1920.

Vanzetti acusou os membros do júri de injustos em plena consciência e conhecimento dos factos. Atacando-lhes a educação que receberam, observou:

—Os senhores seriam capazes de condenar a própria mãe, se o seu receio do mundo e a defesa de interesses materiais tal determinassem.

A vossa parcialidade fez que a nossa causa fosse olhada no mundo com a maior simpatia: os mais notáveis homens de ciência, artistas e filósofos têm gritado e discutido acerca do nosso processo. Pretendes condenar as ideias e vedes agora o resultado: os trabalhadores e os pensadores responderam, em todos os continentes, com a mais impressionante manifestação de solidariedade para conosco.

Repetidas vezes, Vanzetti exclama: —Estou inocente! Estou inocente, tanto do crime de Braintree e do de Bridgewater, como de ter suado as minhas mãos, vez alguma, de sangue humano. Pelo contrário, sempre lutei contra o crime, mesmo contra os crimes que a lei santifica.

«Eu tenho ideias, não planeio crimes. Consagrei toda a vida a combater o crime, esse crime que a moral consente e a lei ampara. Crimes são a escravidão humana pelos humanos, a exploração, o fanatismo. Que maior crime do que uma sentença de morte?»

Depois, Vanzetti redobrou a sua eloquência, inquirindo do juíz: —O senhor bem sabe que estamos inocentes, pergunte-o ao seu coração e à sua consciência. Estamos aqui por ser inimigos das instituições burguesas e defender ideias de rebeldia. Ao senhor o respeito por ser um velho, eu também tenho pai que é um homem muito idoso. Mas, sinceramente, digo-lhe que, havendo apenas justiça em toda esta questão, o senhor deveria ocupar o banco dos réus. O senhor Thayer e o senhor Katzman, o delegado do ministério publico, fizeram tudo o possível para avivar ódios e preconceitos contra nós.

E Vanzetti terminou: —Não tremo, não empalideço. Olhe bem para mim: estou sereno.

M. GARCIA

A guerra na China

Uma suculenta opinião do «Times»

LONDRES, 21.—O «Times», comentando a visita do ministro inglês em Pequim a Xangai, diz que a influência comunista na China demorará-se há ainda por algum tempo e por isso ela continuará a complicar a situação.

Todavia com a declinação evidente dessa influência no Vantse a situação ali parece tomar um carácter mais tipicamente chinês, e, portanto, mais razoável.

Continuando, julga muito difícil conseguir uma união de vistas entre todos os chineses, mas que, apesar de todos os dissabores sofridos na China, a Inglaterra procurará manter as melhores relações de amizade com a China civilizada.—L.

Uma homenagem

Um grupo de amigos projecta realizar no próximo domingo, num dos restaurantes dos arredores de Lisboa, um jantar de homenagem a Alexandre Vieira e seus companheiros de prisão do caso da Biblioteca Pública.

A inscrição para esse jantar encontra-se aberta na Associação de Classe dos Compositores Tipográficos, rua das Flores, 13, 1.º e na administração do nosso jornal de amanhã em diante.

NO REGIME CAPITALISTA

A exploração católica nas tipografias das congregações

Existe em Saint-Maurice, cantão de Valais, Suíça, uma tipografia fundada, há coisa de 20 anos, sob o patrocínio de S. Augusto e com o fim de produzir obras piás. Nesta tipografia trabalham só mulheres, actualmente umas cem, que pertencem à congregação proprietária, e as quais recebem o salário mensal de 5 francos! Fintos dez anos, qualquer das congregacionistas que queira retirar-se recebe 1.000 francos. Sabendo que o salário dos tipógrafos da região varia entre 80 e 90 francos por semana, pode fazer-se uma ideia dos lucros que os santos padres tiram da sagrada exploração. Tão rendosa ela é que pensam agora fundar filiais noutros lugares.

O pior é que a concorrência que a tipografia da congregação faz à indústria particular é tão grande que o operariado gráfico está ameaçado da falta de trabalho, o que preocupa seriamente o sindicato gráfico.

Em Sion, sede episcopal, o bispo pensa instalar uma tipografia semelhante no asilo de orfãos. As mulheres são, de facto, mais facilmente exploráveis, especialmente as que estão sob a tutela católica...

Sat-SERVO

INFORMAÇÃO TELEGRÁFICA

A famosa reunião de Genebra

Nenhuma solução prática foi ainda encontrada para o problema económico

GENEVA, 21.—Na sessão de ontem da conferência económica foi preconizado um pacto económico europeu.

O delegado francês, Desaise, considerou urgentíssima uma aproximação económica franco-alemã e um acordo final em que entraram a Inglaterra e a América. O delegado soviético propoz que a conferência recomendasse a todos os países a necessidade de reatar as suas relações económicas com a Rússia.

As comissões de indústria e de comércio aprovaram propostas relativas aos «cartels» internacionais e à liberdade do comércio. A primeira daquelas comissões aprovou uma moção chamando a atenção do governo e da opinião pública para o perigo proveniente da internacionalização da indústria e para a necessidade de um controle exercido pela Sociedade das Nações para impedir abusos.

A conferência reconheceu a necessidade de se realizar sem demora uma conferência de comércio, com a participação dos ministros das diversas nações.—L.

Outras notícias

Em que sentido?

ROMA, 21.—A Câmara dos Deputados aprovou a lei das oito horas de trabalho.—L.

Um Industrial condenado...

ROMA, 21.—Foi condenado a três meses de prisão por não haver comparecido a uma reunião da comissão dos abastecimentos o grande industrial de petróleo Sincinair.—L.

COIMBRA

Cabelos compridos... e ideias curtas

J. C., que se confessa «português dos quatro costados e lador de Bernardes e Rodrigues Lobos», combate, numa carta enviada ao director da *Gazeta de Coimbra*, a moda fadista dos cabelos cortados. Em defesa da sua opinião, escreve:

«E tanto assim é que, quando no mundo imperava a gentileza fadista, os homens usavam cabelo em anéis... Nas cavaleiradas e nas crónicas usavam-se cabelos. Ora, se nesses tempos, até os homens usavam, porque não há-de usá-los hoje as senhoras, ao menos? Hoje, sim, quando se presta, muito justamente, culto à tradição. «Se nesses tempos até os homens usavam cabelos, porque é que as não há-de usar hoje, as senhoras, ao menos?»—pregunta, ingenuamente, o sr. J. C. Vamos satisfazer-lhe a sua curiosidade: as senhoras começaram a pôr de parte a cabeleira, pelos mesmos motivos que levaram os homens a libertar-se desse estorvo anti-higiénico e anti-estético.

Não temos o prazer de conhecer J. C., mas estamos em crer, pela exposição das suas bizarras ideias tradicionalistas, que ele deve ser um dos tipos mais patéticos que vive em plena civilização século-XX.

Figuramo-lo, na nossa imaginação, um bicho horrendamente guesdado, com umas barbas que descem até ao umbigo, trajando uma indumentária oriental, do tempo do Nazareno.

Não será este J. C. todo amante da tradição, todo salicista, o próprio Jesus Cristo que haja, de novo, vindo à Terra pregar o desprendimento das coisas terrenas, que constituem a alegria de viver, a humildade e a senciante?

Como é curto o raciocínio destes defensores dos cabelos compridos!...

20-5-1927

Rafael MALAGUERRA

A EPOPEIA DO TRABALHO

—POR—
Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A venda nas livrarias, ao preço de 6\$00 e, à cobrança, de 7\$00.

Pedidos à *Livraria Renascença*, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de *A Batalha*, calçada do Combro, 38-A, 2.º—Lisboa—Portugal

Sobre organização

IV

Desaparecimento da intervenção autoritária na vida social

Com o tempo, porém, todas as forças de autoridade tendem a desaparecer. A evolução da humanidade assim nos diz dum modo evidente.

A antiga e estúpida intervenção dos chefes, do «Estado» na vida económica (circulação, consumo, preparação das utilidades) tende cada vez mais a desaparecer, salvo casos de patologia social, como em período de guerra.

Nos momentos de bela saúde social, em que os órgãos funcionam na mais sã fisiologia, não há limites à troca de utilidades, nem ao livre exercício de qualquer indústria ou trabalho. E basta comparar o regime de fiscalização e de brutal e obcecada intervenção de artes e ofícios, com o actual regime, ainda, todavia, bem longe da actual liberdade consciente que todos desejamos, para se concluir qual é o caminho que temos diante de nós num futuro próximo. A todos é lícito exercer qualquer profissão, embora ainda nem sempre as aptidões sejam aproveitadas como deveriam ser. A circulação das utilidades e dos indivíduos, faz-se quasi livremente, através das fronteiras políticas, sem que os estados intervenham dum modo exclusivo e proibitivo como em tempos idos. A viação acelerada circula em todos os sentidos no globo, e a intervenção da autoridade, do Estado está reduzida ao mínimo, como, aliás, preconiza a doutrina da economia política ortodoxa, individualista manchesteriana, declarando que a missão do Estado se reduz ao papel de polícia, —o Estado polícia, o estadista polícia...

O pai, o pater-famílias, tem já hoje confinada a sua autoridade, mais pelos costumes do que pelas leis. O seu poder já não abrange o despótico e grosseiro direito de uteni e abutendi da sua prole. E cada vez se acentua mais essa transformação, esse declinar do despotismo familiar. Os direitos do pai estão sendo substituídos pelos deveres do pai. O consentimento dos pais nos casamentos dos filhos é hoje uma simples formalidade para os filhos menores. Todos hoje podem constituir família e a intervenção do Estado é cada vez mais reduzida, sendo já aceita facilmente pelos bons costumes e pela boa moral, a família livre baseada apenas na mútua e livre vontade dos consortes.

A humanidade tem caminhado sempre no sentido da mais profunda liberdade do Sentimento e da Ideia!

No campo da ética, já há um critério próprio, pessoal, independente, e em cada indivíduo cria-se uma consciência amiga da verdade demonstrada, e do bem natural, sem fórmulas hipocríticas ou metafísicas, dispensando que essa função seja desempenhada por quaisquer indivíduos nem sempre sinceros e sempre autoritários. Assim tem desaparecido a intervenção autoritária, quer política, quer meramente religiosa, ou ambas ligadas, que impunha limites à expansão artística e científica e decretava uma moral convencional, contraditória e anti-social.

A tendência para fugir da chamada justiça organizada pela autoridade, e para se resolverem as questões por arbitragem particular, é um facto de todos os dias. Os tribunais feitos à semelhança e feitos dos despotas políticos, estão caindo do vício originário e corrompido das instituições autoritárias, e o seu desdém e condenação encontram-se na opinião que as massas populares, a voz do povo, têm acerca dessas dispensáveis e já caducas instituições.

Os reis absolutos, a incarnação do autoritarismo elevado à sua mais alta expressão, tiveram de ceder, ainda que mais na aparência do que na realidade, perante as revoluções liberais marxistas ou repúblicas, e conceder às multidões ingénuas a burla da divisão dos seus poderes reais em poderes legislativo, executivo e judicial, trindade a que se acrescentou alguns estados o jesuítico poder moderador.

Esta transigência dos governantes, esta abdicação do poder perante as multidões esfomeadas de liberdade e de pão é um sintoma dos tempos e a prova duma necessidade de maior liberdade, de maior dignidade, duma ansia da parte dos indivíduos pela sua integração na vida social e pelo exercício livre duma auto-política.

E assim é que, reconhecida a mentira constitucional monárquico-republicana, todos esses poderes vão perdendo progressivamente a sua força autoritária, o seu vivo prestígio, como é sintoma o justo desdém do em que tem caído a iniqua justiça burguesa, o desonesto Estado, os ministros, cretinos ou vendilhões, os escandalosos parlamentos, as desmoralizadoras eleições.

As formas autoritárias tendem, pois, dia a dia, a apagar-se e o Estado terá que acatar essa evolução e essa revolução, deixando-se despojar sucessivamente ou duma só vez, se oferecer resistência, de todas as prerrogativas autoritárias, dando lugar a outros organismos meramente contratuais, —característica, como dizem Spencer e De Greef, das sociedades que se aperfeiçoam, e que passam do estado de inconsciência social para o de consciência social. Onde há autoridade há sujeição em nome da força bruta, e não pode haver civilização, porquanto o indivíduo civilizado é aquele que procede bem livremente, pela sua consciência e não obrigado. Onde há sanção não há moral.

CONFERÊNCIAS

«A Evolução da Humanidade»

Na próxima terça-feira, pelas 21 horas, na secção da Universidade Popular Portuguesa, instalada no Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, ao Campo de Santa Clara, realiza o dr. sr. Santa Rita a 2.ª conferência da série sobre «A Evolução da Humanidade», sendo pública a entrada.

«Psicologia do Trabalho»

O dr. sr. João Camoesas conclui no próximo dia 27, na secção que a Universidade Popular Portuguesa mantém no Sindicato da Construção Civil, a interessantíssima série de conferências sobre «Psicologia do Trabalho». Versará nessa noite a «Psicologia do Trabalho». A entrada é livre.

PELA SAÚDE PÚBLICA

O pão e os seus venenos

O último decreto sobre moagem e panificação tem um artigo que prejudica os industriais e beneficia os consumidores e manipuladores, razão por que os panes têm desenvolvido grande actividade ultimamente.

O artigo em questão regula o máximo de acidez que o pão deve ter e se fosse cumprido, este alimento principal das classes produtoras, deixava de ser azedo e mal fabricado.

Hoje, este produto é intragável, porque os industriais querem muita produção com poucos operários e para isso obrigam estes a amassar uma média diária de 300 a 400 quilos de farinha, e, para que o pão não fique bem manipulado, basta que se amasse quantidade superior a 100 quilos. Amassando-se 300 a 400 quilos é um horror.

Mas não é só esta causa. Esta, faz sem dúvida com que o pão não fique bem fabricado porque, a um operário é-lhe inteiramente impossível dar as voltas indispensáveis a uma massa tão grande.

Mal manipulada, pois, é a massa metida ao forno; porém, como 300 quilos de farinha produzem em média 880 pães de 1/2 quilo e não cabem no forno mais que 250 a 300 ficam os restantes esperando que se coza esta parte para então ser «fornada», e é então que azedam.

Para dar uma ideia da acidez que essa massa chega a ter quando é tendida, basta citar que o amassador dificilmente suporta o odor que dali emana e quando chega ao final, o azedo da massa comunica-lhe com o estômago fazendo-lhe azia e outras indisposições.

E' isto que o decreto pretende acabar, e se porventura os decretos fossem tão severos para os exploradores como o são para os explorados, esta maneira de envenenar o povo e tubercular os manipuladores, teria fim. Os industriais não podiam obrigar os operários a amassar quantidade superior a 100 quilos de farinha, que produzindo 292 pães era uma «fornada» ou cama isto é, entrava de uma vez no forno não dando tempo a que azedasse.

Desta medida adviriam três vantagens, a saber:

1.º Os operários não eram tuberculosos com trabalho e a fermentação das massas.

2.º O pão deixava de ser azedo, mal fabricado e repugnante como é hoje.

3.º Colocava muitos trabalhadores da classe que estão sem trabalho, devido à grave crise em que se debatem todas as indústrias.

Mas... os decretos são decretos e o povo terá que comer, como até hoje, pão caro mal fabricado e azedo, e os manipuladores continuarão a fazer «batota» e a sofrer indisposições no estômago, devido ao pestilento cheiro que emana da massa, tudo para maior glória dos industriais.

Estes cavalheiros, para melhor orientarem sem responsabilidades, a sua luta contra o decreto, chamaram a direcção do sindicato dos operários a quem disseram: «Os senhores façam o que entenderem porque nós vamos reduzir os salários e possivelmente retirar outras regalias. Como sabem o decreto vem-nos acarretar muitos prejuízos com as penalidades a que estamos sujeitos, com a regulamentação da acidez, e nós não estamos para perder».

Isto devidamente aclarado significa: que os operários deveriam fazer agitação contra o decreto e reclamarem do governo a sua abolição; caso contrário seriam eles operários quem teria de pagar as multas que lhes fossem aplicadas pela venda do pão azedo, porque eles não estavam dispostos a cumprir aquela disposição da lei...

Calita, não acham?

Mas o que me causa tristeza é os militantes do meu sindicato não responderem, como deviam, a este repugnante ultrage, lançado à cara de uma classe que se tuberculiza para encher as burras de ouro aos industriais.

A resposta mais digna que encontraram, foi tirar uma subscrição para fundar uma cooperativa de produção...

O que é para estranhar, é haver alguns sindicalistas revolucionários na classe e não darem sinal de vida.

O sindicato devia tratar com energia dos assuntos que são de capital interesse para a classe, e entre eles o da acidez do pão.

E' sabido que os industriais ameaçam os seus operários; que os denunciam à polícia como legionários; que os usam para expor a verdade, e apontam-se como exemplo as levas para a Guiné e Timor, mas a classe não deve temer: mais vale morrer nas plagas africanas que intoxicado pelo azedo da massa.

A classe em geral e aos militantes em especial compete sem demora fazer o seguinte:

a) Intensificar uma luta contra os exploradores da panificação, dentro e fora do sindicato.

b) Apelar para a imprensa para que ela divulgue ao povo as razões porque o pão é mal fabricado e azedo.

c) Desprezar toda e qualquer propaganda cooperativista.

d) Reclamar a quem de direito o trabalho diurno, para que o pão seja fabricado com maior higiene e os manipuladores não sejam obrigados a permanecer sempre dentro das oficinas, resultando daí doenças de tal modo graves, que quasi sempre terminam tragicamente.

Essa parte do decreto que os industriais tanto deploram e que não estão dispostos a cumprir, é a única coisa que até hoje foi publicado, que interessa os manipuladores, portanto se o pão continuar a ser azedo que a culpa não caia sobre estes, que vá a quem pertencer.

Mas para isso é preciso que a classe desperte para a luta e abandone o cooperativismo, que não resolvendo nada, a conduz à ruína total.

Os operários padeiros devem elevar a consciência dos seus direitos e deveres, senão... matem-se. Saiba ao menos morrer, quem viver não soube.

J. Marques TEIXEIRA

Edições de A SEMEITEIRA

Práticas neo-maltusianas.....	5\$0
O sentido em que somos anarquistas	5\$0
A peste religiosa.....	5\$0
A Liberdade.....	5\$0
A Internacional (música e letra)....	3\$0
Pedidos à A BATALHA ou no Caiso Sodré, 8.	

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Conselho Confederal

Reuniu com a seguinte ordem de trabalho: Comemoração do 1.º de Maio; Situação do Conselho Jurídico; e Revisão de Contas e assuntos diversos.

Estavam presentes delegados dos seguintes organismos: Federações de Calçado, Couros e Peles; Corticeira; Ferroviária; Construção Civil; e Empregados do Comércio (zona Norte)—União dos Sindicatos Operários de Evora, Setúbal e Faro—Sindicatos Isolados dos Mineiros de S. Domingos e de Aljustrel.

Um dos membros do Comité Confederal expôs ao Conselho as razões que o levaram a recomendar a todos os organismos aderentes à C. G. T. a não realização de quaisquer sessões ou comícios por ocasião do 1.º de Maio, com as quais os delegados presentes se manifestaram absolutamente de acordo, assim como com a nota que o Comité Confederal fez publicar na *Batalha* em resposta ao ataque dos organizadores do comício da «Voz do Operário».

Foi apreciada a atitude do Sindicato dos Alfaiates que, fazendo parte da C. G. T., assinou o manifesto dos organizadores desse comício, no qual foram acimados de traidores os militantes da central operária portuguesa, tendo-se resolvido, por proposta dos delegados da Federação de Calçado, Couros e Peles e União dos Sindicatos Operários de Evora, officiar aquele organismo, pedindo-lhe explicações, e proceder depois em harmonia com a resposta dada.

Sobre o Conselho Jurídico um membro do Comité Confederal informou que, tendo este Comité constatado que o Conselho Jurídico não exercia a actividade que o actual momento exigia, tinha resolvido, em face duma proposta feita pela Federação Portuguesa de Solidariedade a Presos e Perseguidos, elaborar um parecer com as seguintes conclusões:

1.º O Secretariado de Assistência Jurídica e de Solidariedade da C. G. T. suspende temporariamente a sua acção própria, a qual passará a ser realizada em conjunto com a Federação Portuguesa de Solidariedade a presos e perseguidos por questões sociais, mediante prévio acordo e tendo em conta as seguintes bases:

a) O secretário do S. A. J. S. passará a fazer parte do Comité Executivo da F. P. S., com voto idêntico a qualquer dos restantes membros;

b) Os dois vogais do S. A. J. S. passarão a fazer parte do Comité Pro-Presos, de Lisboa, e nas condições que constam da alínea anterior;

c) A C. G. T. acorrerá mensalmente às despesas com as demarches, até ao quantitativo proveniente da percentagem da cota confederal;

d) O secretário do S. A. J. S. elaborará mensalmente e apresentará ao Comité Confederal, um relatório de trabalhos e gastos efectuados, para efeito informativo e de pagamento de despesas.

e) Os serviços do advogado serão reorganizados, de maneira a permitir uma menor despesa, a qual constituirá encargo da C. G. T.;

f) Para todo o expediente referente a assistência jurídica, a F. P. S. empregará nos seus documentos, além do seu título, mais a seguinte sobrecarga: «Secretariado de Assistência Jurídica e de Solidariedade» e a label confederal.

2.º Essa suspensão cessará tão depressa terminem as causas que lhe deram origem.

3.º Estas resoluções serão comunicadas a todos os presos por questões sociais.

Informou mais que a Federação Portuguesa de Solidariedade já tinha declarado estar de acordo com este documento, sobre o qual restava o